



roberto freire: um pirata anarquista¹

gustavo simões

Cléo & Daniel, resistências

“Estou plenamente de acordo com o senhor, e não só porque meu trabalho me obrigue a não contrariá-lo. Mas também porquê acho que a vida é um tecido contínuo e que, portanto, qualquer começo de história é arbitrário”². Compartilhando da reflexão de Morante, um literato internado num retiro psiquiátrico, personagem de *Doutor Pasavento*, romance de Enrique Vila Matas, penso que é difícil apontar quando se iniciou esta pesquisa sobre a existência de Roberto Freire. Contudo, ela tornou-se mais urgente simultaneamente à conclusão da pesquisa de iniciação científica *O Inimigo do Rei: problematizações sobre o jornal O Inimigo do Rei e experimentações libertárias*, realizada entre setembro de 2005 e agosto de 2006³.

A pesquisa sobre Roberto Freire – escritor e terapeuta libertário que, assim como *O Inimigo do Rei*, temperou o anarquismo no Brasil dos anos 1970, incorporando as reflexões de Wilhelm Reich, Frederick Perls, da antipsiquiatria, do movimento *hippie* e das contestações dos jovens libertários a partir dos acontecimentos de 1968 em todo planeta – seria um modo de continuar pesquisando

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP



sobre este instante histórico a que fui apresentado nas desgastadas páginas do *Inimigo do Rei*. Contudo, a escolha de investigar sua existência não é posterior, ao contrário, precede o contato que tive com o jornal anarquista. Ao recordar o efeito produzido em mim quando aos 18 anos li, pela primeira vez, *Coioite*, decidi orientar meu olhar para a literatura desenvolvida por ele a partir de seu primeiro romance, *Cléo & Daniel*. Optei, portanto, pela perspectiva político-literária da existência de Freire em detrimento de uma análise mais detalhada da singularidade e das contribuições da prática da *Soma*, método terapêutico-político antirrepressivo, por ele inventado para auxiliar a juventude militante que lutava contra a ditadura civil-militar⁴.

Às vésperas do golpe militar de 1964, Freire atuava na *Ação Popular*, grupo que emergiu em 1962, composto de cristãos progressistas ligados à Ação Católica, em particular à Juventude Universitária Católica (JUC) e que se propunha “a lutar por uma sociedade justa, condenando tanto o capitalismo quanto os países socialistas existentes”⁵. Freire explica sua adesão à Ação Popular (AP) por respeitar as práticas políticas propostas por Betinho e Vinicius Caldeira Brandt, dois dos jovens líderes do grupo, e por perceber o distanciamento da AP em relação à Igreja. “Eles estavam deixando de ser católicos para se tornarem socialistas”⁶, concluiu. Neste momento em que a AP radicalizava sua resistência à ditadura civil-militar, “a opção por uma ideologia marxista ficou mais clara a partir de 1967, quando se assimilavam, ao mesmo tempo, questões da Revolução Chinesa”⁷; Freire auxiliava certos militantes na redação de textos e manifestos políticos.

Cléo & Daniel irrompe precisamente após Freire ter sido preso em sua própria casa, em decorrência da infor-



Roberto Freire: um pirata anarquista

mação dada por um jovem militante da AP de que ele dava abrigo à sua namorada, militante clandestina procurada pela polícia. “Ele entregou a noiva, por medo da Polícia ou da Marinha, destruindo a possibilidade de sobrevivência daquele amor, bem como atingiu o meu e da minha mulher, com a nossa separação através da arbitrariedade daquela violenta prisão”⁸, recordou Freire. Redigido a partir da reunião de anotações feitas no porão do DOPS, em folhas de jornal velho que os presos usavam para forrar o chão e dormir, ele afirma que procurou descrever no romance – a partir da experiência das frequentes “entregas”⁹ seguidas por sessões de torturas pelas quais eram submetidos os militantes que combatiam a ditadura – “como estava sendo caçado o amor no Brasil, para que deixasse de existir e fosse, assim, possível a implantação e a manipulação do Estado pelo Exército”¹⁰.

Instigado pelo trabalho desenvolvido com os jovens da Ação Popular, Freire inventou neste seu primeiro romance a história de dois jovens em conflito com suas respectivas famílias e que se apaixonam de tal modo que se tornam insuportáveis para a sociedade. Cléo, filha de um senador, é levada ao consultório psicanalítico de Rudolf Flugel, narrador do romance, pela mãe que considera a filha “uma louca, uma imoral” por ter descoberto o sexo muito jovem; Daniel, rapaz silencioso e amante do jazz de Miles Davis e das poesias de William Blake, Rimbaud e Lautreamont, descobre em Flugel a única saída para escapar da internação num sanatório de São Paulo. Depois de ambos fugirem das respectivas famílias, encontram-se na Praça da República, centro de São Paulo. Começam a se beijar. Contudo, as pessoas que transitavam pelas ruas separam furiosamente seus corpos. O jovem casal volta



a se encontrar e morre junto após tomarem uma *overdose* de remédios e transarem ouvindo bem alto “Concierto de Aranjuez”, com Miles Davis. Explícito em relação ao desfecho deste seu primeiro romance, Freire afirmou: “me acusaram disso, do suicídio, mas não, eles foram assassinados”¹¹. A conclusão do livro de 230 páginas editado pela Brasiliense refletiu, segundo ele, a “sensação de que não se poderia mais amar depois do Golpe”¹².

Simultâneo à militância na AP e ao lançamento de *Cléo & Daniel*, Freire dedicou-se à invenção e direção geral do TUCA, teatro da PUC-SP, inaugurado em 11 de setembro de 1965 com a montagem de “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, dirigida por Silnei Siqueira e com trilha sonora do então estreado compositor Chico Buarque. Após desligar-se de suas atividades diante do teatro, efeito da censura e perseguição policial constante que sofria o grupo, e poucos meses depois da promulgação do AI-5, em dezembro de 1968, Freire parte em breve viagem à Europa. Assiste em Paris, “a um espetáculo teatral que fazia lá muito sucesso, do grupo norte-americano *Living Theatre*, chamado ‘Paradise Now’”¹³. Depois de uma breve conversa, Julian Beck – anarquista inventor do *Living Theatre* em parceria com sua paixão, Judith Malina – contou a Freire que baseava o trabalho do grupo não nas pesquisas de Konstantin Stanilavski que, segundo ele, era animado pelas concepções psicológicas de Freud, mas sim na vida de Wilhelm Reich. Da conversa, Freire saiu decidido a retornar a lida com a psicologia, que abandonara no início da década de 1960 por considerá-la incompatível com a militância política de resistência à ditadura civil-militar. Ao voltar ao Brasil, mergulha na leitura de *Análise do caráter* e *A Função do Orgasmo*, de



Roberto Freire: um pirata anarquista

Reich, e retoma “toda a antiga paixão pela possibilidade de um trabalho revolucionário no campo da Psicologia”¹⁴.

Coiote, um anarquismo

Em seguida ao contato com o *Living Theatre*, Freire viveu outra experiência decisiva para suas invenções a partir dos anos 1970. Em entrevista ao jornal libertário *O Inimigo do Rei*, em 1987, comentou como foi movido a pensar em *Coiote* depois de assistir a coexistência libertária, em Forlì, na Itália, entre o tradutor de seu romance *Cléo & Daniel* e seus filhos. Foi a partir do contato, no início dos anos 1970, com outro modo de existência, que ele decidiu levar adiante o projeto de dar forma ao romance.¹⁵ “Eu caí dentro de uma casa onde a família era anarquista. A relação com os filhos, a forma como eles produziam e trabalhavam era chocante (...). Foi lá que eu conheci um menino, que limpava a sede do centro anarquista deles, que uivava, e me deu a primeira ideia de escrever *Coiote*”¹⁶. A entrevista desvela a relação de cumplicidade estabelecida entre Freire e a equipe do jornal anarquista, inventado em 1977. Com propostas de liberação do sexo, das drogas e dos costumes autoritários, tanto a equipe que produzia o periódico, quanto Freire, problematizaram a rigidez de certa militância esquerdista durante a ditadura civil-militar e a “abertura política”. Logo em sua segunda edição, lançada em maio de 1978, a equipe que produzia o jornal dedicou uma resenha especial de *viva eu viva tu viva o rabo do tatu*, livro em que Freire explicita o seu rompimento com a Ação Popular, organização que havia se tornado, desde 1971, a Ação Popular Marxista – Leni-nista do Brasil¹⁷.



Diferente dos escritores anarquistas da primeira metade do século XX, Freire apresenta a partir dos anos 1970 – precisamente após a publicação de *viva eu viva tu viva o rabo do tatu*, livro em que afirma pela primeira vez o anarquismo como prática vital – uma perspectiva política animada não pelos escritos dos pensadores do anarquismo do século XIX, mas pelas práticas contemporâneas à sua literatura, tais como as reivindicações pela liberação das drogas e do sexo procedentes dos *hippies*. Todavia, assim como o *desbunde libertário* presente em algumas edições de *O Inimigo do Rei*¹⁸, ao analisar *Cléo & Daniel* e os ensaios de *viva eu viva tu viva o rabo do tatu*, podemos perceber também o enredamento de Freire no que Michel Foucault apontou como *esquema reichiano*, que afirma a liberação como algo suficiente, satisfatório, o ponto final de uma luta. Ao analisar esse *esquema reichiano*, Foucault conclui: “a liberação é às vezes a condição política ou histórica para uma prática de liberdade (...) mas essa liberação não faz surgir o ser feliz e pleno de uma sexualidade na qual o sujeito tivesse atingido uma relação completa e satisfatória. A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade”¹⁹. Contudo, se Freire, assim como a equipe de *O Inimigo do Rei*, permaneceu enredado em certa busca da libertação definitiva das repressões, sua escrita avançou em outras práticas de liberdade.

Entre a publicação de *viva eu viva tu viva o rabo do tatu* e *Coiote*, está o ensaio *Utopia & Paixão: política do cotidiano*. Lançado em 1984, penúltimo ano do governo do general João Batista Figueiredo, momento de certo otimismo relacionado à “abertura política”. O livro acontece após Freire ter realizado uma cirurgia para recuperar a vi-



Roberto Freire: um pirata anarquista

são perdida em decorrência de um deslocamento de retina apontado pelos médicos como saldo das torturas pelas quais foi submetido nos anos 1960. Redigido em parceria com o cientista político Fausto Brito, o livro apresenta um novo modo de militar politicamente, diferente daquele experimentado na Ação Popular. *Coiote* é publicado um ano após *Utopia & Paixão*, já em 1986²⁰. O romance baseia-se na história real de um jovem que fugira do hospício com auxílio de Roberto Freire, no início dos anos 1970. Depois da fuga, Freire o levou para o Centro de Estudos Macunaíma²¹, espaço no qual inventava – em parceria com Myriam Muniz, Silvio Zilber e Flávio Império, na Rua Lopes Chaves, bairro da Barra Funda, em São Paulo – exercícios de *Soma* para o desbloqueio de criatividade em jovens atores e militantes políticos que resistiam à ditadura. No Macunaíma, o jovem descobriu num breve e intenso período uma existência liberada na qual mostrou, sobretudo na convivência com Flávio Império, uma rara aptidão para as artes plásticas. Entretanto, o jovem artista que, como o personagem Coiote, apreciava pintar e ouvir Jimi Hendrix e Gustav Mahler, foi internado novamente e, não mais resistindo, acabou dando cabo da própria vida.

Ao inverter esta história, ainda afetado por aquela experiência com a família libertária em Forli, Freire tece a trama na qual um jovem considerado “esquizofrênico”, em vez de conviver desde cedo com a repressão no interior da família, cresceria num ambiente marcado por relações libertárias. O jovem é apresentado por Aurélio, padrasto de Coiote no romance, como um *protomutante*. Segundo Aurélio, *protomutantes* são “mutantes que estão na frente, já possuem características de um novo homem e que denunciam e rompem rapidamente com a mentira, a hipocrisia



e o autoritarismo, todos os instrumentos do exercício de poder, da dominação”²². Para definir melhor este conceito e explicar as razões dos desmaios do jovem, Aurélio recorda a existência de Arthur Rimbaud, poeta presente desde o primeiro romance de Freire através das leituras do personagem Daniel: “Sempre houve, no passado recente, casos isolados de protomutantes que escandalizaram e encantaram a sociedade. Veja o caso de Rimbaud que, aos 17 anos, já era o maior poeta da França e o exemplo mais chocante da vida em liberdade”²³.

Coiote conhece o ex-psicanalista Rudolf Flugel (R.F., como Roberto Freire), mesmo narrador de *Cléo & Daniel*, depois de acampar escondido em seu sítio em Visconde de Mauá, região serrana do estado do Rio de Janeiro, cenário do romance e da própria vida de Freire no final dos anos 1970 e na década de 1980. A trama é animada por sua leitura dos escritos antipsiquiátricos de David Cooper. Em *Psiquiatria e Antipsiquiatria*, o pesquisador inglês conclui que o êxito da psiquiatria – disciplina criada para garantir a sobrevivência da família diante de afirmações de liberdade provenientes de certos jovens – e da construção da esquizofrenia é conservar a instituição familiar e disseminar o conformismo. Todavia, ao mesmo tempo em que Freire se mostra atento a essa reflexão, em alguns momentos acaba se posicionando apenas como crítico das práticas psiquiátricas, deixando inalterado em seus textos construções do próprio campo psiquiátrico tais como “doença mental”. Na década de 1970, mesmo depois de deslocar-se radicalmente em relação a suas práticas, Freire ainda trava consigo as dificuldades e batalhas para liberar-se também de sua formação de médico, profissão exercida por ele na década de 1950, antes mesmo da psicanálise. Mesmo se referindo ao



Roberto Freire: um pirata anarquista

exercício da psiquiatria como uma farsa, não abandona a dicotomia saúde-doença.²⁴

Para além dos questionamentos antipsiquiátricos, *Coiote* apresenta a reiteração de uma das grandes referências literárias de Freire, os *beats*. Coiote, animal canino que habita as Américas do Norte e Central, está presente em parte da literatura estadunidense do pós-guerra: “William Burroughs nos seus romances fala com o canto da boca com um estilo seco meio Coiote”²⁵, escreveu Gary Snyder. O próprio Snyder, poeta que inspirou Jack Kerouac a escrever *Vagabundos iluminados*, dedicou ao animal poemas e ensaios. Segundo ele, os *mescaleros* (consumidores da mescalina) atribuem a Coiote a liberação do fogo que antes vivia preso sob uma nuvem de moscas. “Coiote conseguiu enfiar o rabo lá dentro e fez com que o rabo pegasse fogo, e então ele pulou fora e, com seu rabo incandescente, conseguiu dar início a alguns incêndios na floresta, e o fogo que ele começou continuou correndo ao redor do mundo”²⁶.

Todavia, é com *Vagabundos Iluminados*, livro de Kerouac publicado em 1958, que a escrita de Freire mais se relaciona. O livro *beat* antecipa em dez anos as movimentações *hippies* que eclodiriam em variados cantos do planeta. Numa célebre passagem, o personagem Japhy Ryder, depois de ler poemas de Walt Whitman, vislumbra “um mundo cheio de andarilhos de mochilas nas costas, Vagabundos do Dharma que se recusam a concordar com a afirmação generalizada de que consomem a produção e portanto precisam trabalhar pelo privilégio de consumir”²⁷. Três décadas depois dessa passagem, Flugel, personagem de Freire, antevê o problema por vir no sítio que havia sido seu ao assistir a um telejornal que mostrava a via Dutra cheia de jovens mochileiros, feito os “vagabundos iluminados” vislumbra-



dos por Kerouac, pedindo carona, todos dirigindo-se para Mauá. “O apresentador falava da ‘preocupação das autoridades a respeito dessa estranha e suspeita migração’. Além disso ‘investigava-se que tipo de anarquismo era aquele, pois os moradores das vilas vizinhas só viam, na comunidade do rapaz chamado Coiote, muita imoralidade, atentado ao pudor e uso livre de drogas’”²⁸.

As práticas experimentadas por Coiote eram insuportáveis não somente para a população de Visconde de Mauá. Bruxo, personagem anarquista vizinho do sítio de Flugel, também expôs seu incômodo com as invenções libertárias dos jovens no topo da montanha. Em conversa com Bruxo, quando conta que cedeu todo seu terreno para o bando e ao ouvir como retorno que o Anarquismo era “ciência e luta” de Kropotkin, Malatesta e Bakunin, não coisa de “moleques que ficam horas dançando e se abraçando, que lêem gibis, dançam rock, fumam maconha e trepam feito bicho”, Flugel diz: “Acorda, Bruxo! Não estamos em Moscou na década de vinte”²⁹. Diante do silêncio do anarquista, prossegue até pronunciar a palavra que seria o norte da reflexão de Freire a partir de *Coiote*. “Tesão, Bruxo! (...) Tesão é a palavra mais bonita que existe! Tem a ver com prazer, alegria e beleza ao mesmo tempo. Você não sabe o que o tesão tem a ver com o anarquismo porque você é um anarquista teórico e intelectual. Você só sente tesão com seu pau e com teus pincéis”³⁰.

No ano seguinte a *Coiote*, Freire publica *Sem Tesão não há Solução*, título inspirado por uma pichação que encontrou num muro de cemitério em São Paulo.³¹ *Sem tesão não há solução* apresenta o posicionamento corajoso de Freire, dois anos após o fim da ditadura, em favor da liberação das drogas; também expõe seu pensamento ecológico, ao qual



Roberto Freire: um pirata anarquista

articula aos questionamentos do anarquista estadunidense Murray Bookchin. Inscrevendo-se na perspectiva oriunda das práticas do também estadunidense Henry David Thoreau, no século XIX, somada às práticas *hippies* da década de 1960, Freire acaba por denunciar a destruição do planeta pelo *industrialismo*, defendendo novos modos de relacionamentos libertários, como o experimentado comunitariamente pelos jovens em *Coiote*³².

Três anos depois do livro que se tornaria *best-seller*, vendendo cerca de 100 mil exemplares, Freire publica, em 1990, *Ame e dê Vexame*. O livro conclui – 13 anos depois de sua afirmação anarquista em *viva eu viva tu viva o rabo do tatu* – a definição de seu *anarquismo somático* que, segundo ele, possui como uma de suas características vitais o combate às “ideologias do sacrifício”, as mesmas pelas quais havia militado na década de 1960, isto é, o ataque a qualquer pensamento em prol de um futuro redentor como o proposto, segundo ele, pelo marxismo, por algumas religiões e pela psicanálise. Em paralelo à publicação desse livro, rompe com o *Experimental*, coletivo formado por doze pessoas que trabalhavam com *Soma* em diversos estados do Brasil.

A partir dessa ruptura, com a publicação pela editora carioca Guanabara dos dois volumes de suas *histórias curtas & grossas*, propõe pela primeira vez o que chamou de uma *erotização do cotidiano*. Para promover o livro – lançado em 1991, e escrito durante uma temporada em Canoa Quebrada, litoral do Ceará, onde comprara um terreno, um *buggie* e construía uma casa simples –, decidiu fazer uma série de palestras pelo Brasil. Baseando-se na reflexão do escritor e pintor inglês D.H. Lawrence, citado na epígrafe do livro – que nas primeiras décadas do século XX já havia definido a pornografia como a característica da ausência



de franqueza de uma civilização que “forçou o sexo em direção ao submundo e a nudez para o banheiro”³³ – Freire diferenciava *erotismo* e *pornografia*. Depois de ultrapassar a noção de amor cristão que carregava desde sua militância na AP, e afirmar o *tesão* como um modo de vida para além do mero gozo no sexo, Freire passa a afirmar aquilo que considerava como erotização da vida, isto é, viver a libido no cotidiano, tarefa estética, visto que, como expôs Octavio Paz, “o erotismo é invenção, variação incessante; o sexo é sempre o mesmo”³⁴.

Nesse instante, inspirado pelo cinema italiano de Mario Monicelli, inventa um novo coletivo, o *Brancaleone*. De início formado somente por ele e João Da Mata, único integrante do *Experimental* que decidira seguir adiante com Freire, o *Branca*, apelido carinhoso que ganhou na década de 1990, expressou o desejo de Freire em intensificar a singularidade de suas práticas libertárias³⁵.

Os cúmplices, amigos

Na metade da década de 1990, sob o efeito dessas intensas rupturas, Freire publica os dois volumes de *Os cúmplices*. O romance narra as aventuras apaixonadas vividas por dois jovens irmãos no bairro do Bixiga, em São Paulo, nas décadas de 1950 e 1960. Durante a redação do livro, para além de retomar o contato com amigos jornalistas³⁶, Freire também intensifica os laços com certos anarquistas. Se durante a redação de *Coiote*, nos anos 1970, ele havia se relacionado com os libertários do *Inimigo do Rei*, *Os cúmplices*, de 1995, demonstra também uma aproximação – efeito da realização na PUC-SP do “Outros 500: Pensamento Libertário Internacional”, encontro entre libertários de vários cantos



Roberto Freire: um pirata anarquista

do país e do planeta, propiciado pela iniciativa de Edson Passetti, Jaime Cubero e Plínio Coêlho. Em especial, vivencia uma intensa amizade com Cubero, do *Centro de Cultura Social de São Paulo*. Baseando-se nas conversas realizadas com ele, inventa a história de dois irmãos que acabam descobrindo o anarquismo através das “peladas”, jogos de futebol de várzea. Depois de enfrentarem o time da Mooca, Bruno e Victor recebem o convite do zagueiro da equipe rival, Liberto, filho de um anarquista que lutara na Revolução Espanhola, para frequentarem as reuniões do *Centro de Cultura Social*.

Para além do jornalismo-paixão presente nas ambições do corajoso irmão mais velho, Bruno, *Os cúmplices* trata também do teatro experimentado por Freire nas décadas de 1950 e 1960. Victor, o irmão mais novo, descobre junto dos prazeres do sexo, as inovações do teatro inventado por Grotowski na Polônia e do *Living Theatre* nos Estados Unidos. No romance, Freire descreve por meio de certos personagens, a repressão enfrentada por ele durante o lançamento de “O&A”, no TUCA, em 1967, logo após o sucesso de “Morte e vida Severina”³⁷. Silnei Siqueira, diretor de “O&A”, conta que após esta montagem o grupo recebeu ameaças de grupos organizados à direita como o Comando de Caça aos Comunistas³⁸. No ano seguinte a “O&A”, 1968, o general Costa e Silva decretou o AI-5. A violência a partir de então se intensifica ainda mais sobre certos jovens como Wagner, personagem de *Os cúmplices*, “rapaz que falava com as mãos se agitando diante do rosto”, militante preso numa manifestação próxima à PUC, na Rua Monte Alegre, que teve as mãos decepadas pelo Delegado Flores³⁹, no DOPS. Como aponta Cecília Coimbra, a partir de 1968, “a tortura passa a ser prática ‘comum’ e oficial



(...). Além de obter informações, fragilizar e pulverizar os opositores do regime, a tortura cumpre, como dispositivo social, uma função: produz subjetividades. Pelo medo, cala a sociedade”⁴⁰, conclui.

Se em *Cléo & Daniel* Freire denunciava a impossibilidade de amor em meio a um regime militar, *Os cúmplices* apresenta a ditadura investindo sobre o sexo dos jovens. Enquanto o primeiro volume deste romance termina em sexo liberado e novas possibilidades de prazer descobertas por Victor, o desfecho do segundo volume descreve a tortura incidindo sobre o corpo de seu irmão mais velho. “O delegado Flores foi-lhe dando bofetadas no rosto, cada vez mais fortes, até que se cansou (...) Entregaram-lhe o arame ligado ao aparelho. O delegado o segurou firme (...) E Flores foi enfiando o arame pela uretra de Bruno, que logo começou a sangrar”⁴¹. Os efeitos da tortura sobre Bruno, o corajoso irmão mais velho que abandona o jornalismo para se tornar matador de coronéis no nordeste do país, torna-o impotente para o prazer, gozar na vida.

A história de Bruno narra de certa maneira uma história vivida por inúmeros militantes presos no Brasil durante a ditadura civil-militar. No romance, Freire chama a atenção para a tortura não somente como método instituído pelo Estado para arrancar informações úteis à repressão de homens e mulheres que pertenciam a grupos de guerrilha e organizações de resistência. Freire enfatiza, também, o investimento das técnicas de tortura para arruinar o sexo. Ao lermos as descrições de quem sofreu na pele tais violências notamos que desde o eletrochoque – “foi-lhe amarrado um dos terminais do magneto num dedo de seu pé e no seu pênis, onde recebeu descargas sucessivas, a ponto de cair no chão” – até a utilização de insetos – “a interroganda



Roberto Freire: um pirata anarquista

quer ainda declarar que durante a primeira fase do interrogatório foram colocadas baratas sobre o seu corpo, e introduzida uma no seu ânus⁴² – os agentes responsáveis pelas práticas de tortura tinham como alvo as regiões dos corpos de militantes de resistência associadas a experiências de prazer. Prática comum nos porões não só do Brasil, mas de toda a América Latina dos anos 1970. O escritor chileno Roberto Bolaño escreveu certa vez sobre a história de uma moça do MIR (*Movimiento de Izquierda Revolucionária*), que viveu por longo tempo no México e que a “torturaram introduzindo ratos vivos na sua vagina. Essa moça conseguiu se exilar e chegou ao DF. Vivía lá, mas cada dia ficava mais triste e um dia morreu de tanta tristeza. Foi o que me contaram. Não a conheci pessoalmente (...). Não é uma história extraordinária. Sabemos de camponesas guatematelcas submetidas a humilhações inomináveis. O incrível nessa história é sua ubiquidade⁴³. Todavia, para além das descrições inomináveis de quem sofreu na própria carne essas violências, é sempre bom lembrar que a tortura, ciência amplamente disseminada pela ditadura civil-militar, não cessou com a chamada abertura política e segue sendo utilizada ainda hoje, visando produzir verdades que sustentem a prisão, a polícia e o Estado⁴⁴.

Quatro anos seguidos do mergulho na memória das descobertas e resistências vitais dos anos 1960, expostas em *Os cúmplices*, Freire publicou pela Editora Globo o romance *liv & tatziu*. O romance narra a história de uma paixão entre dois irmãos, possui como cenário os conflitos por terra no oeste do estado de São Paulo e encerra a década em que Freire mais se aproximou de certos anarquistas. Todavia, mesmo depois das relações propiciadas pelo “Outros 500” existia também a tensão, segundo Vera Schroeder (que,



na época acompanhava Freire como somaterapeuta), entre Freire e alguns anarquistas ligados a práticas libertárias consideradas mais “clássicas, históricas, ligadas ao sindicalismo, ao Movimento Operário”⁴⁵. Em setembro de 2000, tais rusgas são explicitadas. Depois de ter sua proposta para a articulação de uma Federação rechaçada autoritariamente por alguns anarquistas presentes no “Encontro Internacional de Cultura Libertária”, realizado em Florianópolis, na UFSC, Freire rompe com muitos deles. As consequências da proposta “intempestiva”, palavra utilizada em carta escrita como reação de certos militantes à proposta, deram origem, segundo José Maria de Carvalho Ferreira, “a ataques pessoais de uma violência e dogmatismo semelhantes a qualquer partido, sindicato ou religião. O que é deveras interessante”, conclui, “é hoje verificar que esses mesmos revolucionários anarquistas que criticavam a legitimidade e o reformismo das posições de Roberto Freire, sejam agora os arautos criadores de federações anarquistas”⁴⁶. Para além de ter sido marcada na memória pela saída de Roberto Freire, “subindo as escadas do anfiteatro, brandindo a bengala”, Salete Oliveira conta que a reação de certos libertários culminou com uma postura extremamente autoritária e machista de alguns deles. “Margareth Rago, eu e outras mulheres fomos falar e quase fomos agredidas fisicamente. Só não fomos agredidas porque nós mesmas impedimos. Eles explicitaram ali o quanto de autoritário e antianarquista havia naquele comportamento”⁴⁷. O ápice da reação, que na carta de boicote diz não possuir “nenhum resquício de desafeto ou divergência pessoal”, se mostrou, segundo Oliveira, “numa posição extremamente machista em relação às mulheres”⁴⁸. Após mais uma ruptura, Freire, no início dos anos 2000, decide retirar-se das agitações de



Roberto Freire: um pirata anarquista

São Paulo e morar em Cotia⁴⁹. Mesmo reclamando da velhice, passa a morar por iniciativa própria num recanto reservado a pessoas velhas, pois não admitia a possibilidade de tornar-se dependente de alguém. Sem conseguir escrever, impossibilitado pelo Parkinson, reuniu forças para gravar um disco com seus filhos músicos. Schroeder recorda do momento em que recebeu a notícia: “Quando Roberto Freire me disse isso, que iria fazer um disco, respondi: ‘Que bacana, agora só falta você dançar. Tudo o mais você já fez na vida!’ Rindo, retrucou: ‘Pois é, falta fazer *ballet!*’”⁵⁰.

Um ano antes de morrer, Freire ainda gravou uma intensa e divertida entrevista para a série de programas *Os Insurgentes*, produzida pelo Nu-Sol e pela TV PUC-SP. Para além de provocar certos anarquistas ao dizer que “muitos anarquistas são ligados a Psicanálise e, de um certo modo, ao comunismo também”, esbanja seu humor libertário afirmando que “numa obra de arte, pintura, escultura, o que eu mais procuro é sua força sensual (...) lendo um livro ou escutando música a atitude é a mesma. Hoje mesmo ouvi, por exemplo, o ‘Trem Caipira’ de Villa Lobos com um arranjo extraordinário e fiquei num tamanho estado de sensualidade. Fiquei de sensibilidade dura”⁵¹. Se despede, enfim, do intenso papo realizado numa tarde gostosa de verão na PUC-SP propondo uma nova maneira de cumprimento libertário. Entre a “saúde” e a “anarquia”, palavras proferidas entre amigos anarquistas, ele acrescenta uma terceira: *tesão*.

Pirata anarquista

Ao se afastar da militância de esquerda, da revolução como projeto político, daquilo que Foucault chamou de



*pensamento político da ordem da descrição triste*⁵², desde o início da redação de *Coio* no final dos anos 1970, quando rompe com a Ação Popular e afirma o anarquismo como perspectiva política, Freire singulariza sua literatura. Tal afastamento foi vital para certos escritores latino-americanos. Cortázar, em entrevista concedida no mesmo período em que Freire transformava sua existência, afirmou: “quanto mais me envolvo em ações que dizem respeito ao Chile, o meu problema atual, mais me espanta ter que trabalhar com companheiros que são formidáveis pelo tipo de trabalho que estão fazendo mas que me obrigam, ao mesmo tempo, a pensar – e asseguro que dói ter que dizer isso – sobre o que aconteceria se aqueles rapazes tomassem algum dia o poder revolucionário”⁵³. Octavio Paz afirma que desde a metade do século XIX, ao vocábulo revolucionário juntou-se o reformista. Pondera o literato mexicano que revolucionário e reformista são intelectuais, “crêem no progresso, os dois rechaçam o mito: sua crença na razão é inquebrantável (...). Um é partidário do salto; o outro, da passada. Ambos crêem na história como processo linear e marcha para diante”⁵⁴. Freire, ao contrário, se assemelharia ao *rebelle*, existência que se associa à do “herói maldito, o poeta solitário, os enamorados que pisam as leis sociais, o plebeu genial que desafia o mundo, o *dandy*, o pirata”⁵⁵. Contudo, Paz mostra que por não se inscrever no tempo retilíneo da história, domínio do revolucionário ou do reformista, mas sim no espaço, o rebelde acabou sendo tratado com a mesma desconfiança que o poeta era visto na República de Platão. Antes de Octavio Paz, Albert Camus já havia afirmado em *O Homem Revoltado* que, diferente da revolta, que parte do *não* apoiado a um *sim*, a revolução seria a negação absoluta que condena todas as servidões para



Roberto Freire: um pirata anarquista

fabricar, porém, “um sim adiado para o fim dos tempos”. “A revolução histórica”, conclui o escritor argelino, “obriga-se a agir sempre na esperança, incessantemente decepcionada, de um dia existir”⁵⁶. As reflexões de Freire na década de 1980, evidenciam seu interesse pelas experiências no presente, para além de uma fixação cronológica e “incessantemente decepcionada”, como escreveu Camus a respeito da espera pela revolução.

No ensaio “Outros espaços”, redigido na Tunísia, em 1967, Michel Foucault analisa a mania obcecada com que a História e suas abordagens sobre o desenvolvimento e a estagnação, a crise e o ciclo, foram tratadas no século XIX. Todavia, alerta que tal mania histórica cedeu em importância, na segunda metade do século XX, à preferência pelo espaço. “Talvez se pudesse dizer”, conclui, “que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes encarniçados do espaço”⁵⁷. Foucault apresenta a emergência de certos posicionamentos que “suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas” e distingue estes posicionamentos entre utopias – “posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa” – o que denominou de heterotopias – “lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contrapositionamentos, espécie de utopias efetivamente realizadas (...) lugares que estão fora de todos os lugares”⁵⁸.

Edson Passetti argumenta que é possível ver os anarquistas também no interior desta realização heterotópica assinalada por Foucault, visto que os libertários são reconhecidos pela dessacralização dos espaços onde atuam,



vivendo em associações, “inventando formas de vida livre, na casa, no amor, na amizade, com os filhos, os amigos”⁵⁹. Passetti associa as heterotopias apresentadas pelo filósofo francês a certas práticas anarquistas e formula a noção de *heterotopias anarquistas*: “invenção de lugares, de existências, demandando crítica à sociedade e gestação de nova sociedade”⁶⁰. Avança ainda mais nas reflexões sobre as heterotopias acompanhando precisamente o percurso das *personagens* – Flora Tristan e Paul Gauguin – do romance de Mario Vargas Llosa, “Paraíso na outra esquina”. Em “vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle”, Passetti escreve que “a sociedade europeia melhor e mais justa foi o sonho de Flora Tristán; uma Polinésia que não se livrou mais dos efeitos da colônia francesa e suas instituições racionais e clericais, o de Paul Gauguin”⁶¹. Singrando mares, Flora e Gauguin puderam descobrir outros espaços que propiciaram senão as utopias sonhadas, transformações na existência de cada um.

No curso, *A hermenêutica do sujeito*, Foucault mostra como o “cuidado de si” ao libertar-se da paisagem socrático-platônica, deixa de ser um imperativo válido para um momento determinado da existência, segundo ele, para tornar-se “uma regra coextensiva à vida”⁶². O novo conteúdo do “cuidado de si” apresentava como metáfora os perigos da navegação. “Na idéia de navegação, acho necessário reter que esta trajetória a ser conduzida na direção do porto, porto de salvação em meio a perigos, a fim de ser levada a bom termo e atingir o seu objetivo, implica um saber, uma técnica, uma arte. Saber complexo, a um tempo teórico e prático; saber conjectural também, que é sem dúvida um saber muito próximo da pilotagem”⁶³. Nos últimos séculos da chamada era pagã, “o eu surge, fundamentalmente, como



Roberto Freire: um pirata anarquista

a meta, o fim de uma trajetória incerta e eventualmente circular, que é a perigosa trajetória da vida”⁶⁴. Embora não tenha traçado seu percurso de barco como Paul Gauguin, Flora Tristan e certos anarquistas – pois no momento em que iniciou sua escritura, na década de 1960, os navios, reservas de imaginação segundo Foucault, já haviam desaparecido junto com certas aventuras –, Freire considerou sua vida como navegação precisa e perigosa⁶⁵. Feito o pirata sugerido por Octavio Paz, afirmou na primeira página de sua autobiografia *Eu é um outro* (título baseado na carta do poeta Arthur Rimbaud escrita a Paul Demyen em 15 de maio de 1871): “um dito popular de Portugal me conforta e estimula: ‘viver não é preciso, navegar é preciso’”⁶⁶.

Foucault analisa que o tema do retorno a si, essa navegação perigosa, foi retomado por “fragmentos, por migalhas” – não mais como modo global e contínuo como o era na Antiguidade helenística e romana –, a partir do século XVI e no decorrer do século XIX. Entre as tentativas para reconstituir uma ética e uma estética do eu, ele cita “Stirner, Schopenhauer, Nietzsche, o dandismo, Baudelaire, a anarquia, o pensamento anarquista”⁶⁷. Atualiza este movimento de retomada ético-estético no século XIX, colocando um problema vital no início dos anos 1980, e urgente ainda nos dias de hoje: “(...) retornar a si, liberar-se, ser si mesmo, ser autêntico, etc. –, quando vemos a ausência de significação e pensamento em cada uma dessas expressões hoje empregadas (...) é possível suspeitar que haja uma certa impossibilidade de constituir uma ética do eu, quando esta seja uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo”⁶⁸.



Acompanhar os escritos de Freire a partir de *Cléo & Daniel*, passando por *Coiote* e *Os cúmplices*, seguir seu rompimento com a psicanálise e posteriormente com a militância e os projetos revolucionários, observar sua aproximação com os anarquistas, a invenção da noção de *Tesão* como modo libertário de existência e a afirmação do *erotismo do cotidiano*, é deparar-se com um deslocar-se, uma navegação. Freire movimentou-se incessantemente durante a vida, transformou sua escrita ao mesmo tempo em que tinha sua vida transmutada pelo próprio trabalho. Em entrevista realizada nos anos 1980, Foucault afirmava: “essa transformação de si pelo próprio saber é, creio, algo bem próximo da experiência estética”. Perguntava àqueles interessados na arte para além da obra: “para que um pintor trabalha senão para ser transformado por sua pintura?”⁶⁹.

Morante, personagem louco de Vila Matas tem *razão*: o começo pode ser arbitrário. Notei ao ler *Coiote* que uma viagem teve início. Conheci Roberto Freire, ou melhor, Bigode, no meio da leitura deste romance. Desde 2003, eu o visitava regularmente em Cotia, onde ele vivia com um quadro com a imagem do poeta francês Arthur Rimbaud na parede atrás da poltrona onde se sentava, alguns poucos livros que ainda guardava, certos discos, o uísque e uma gaveta repleta de *toblerones*.

Foucault, em entrevista concedida em 1975, declarou que encarava seu livro *A história da loucura*, “como uma espécie de vento verdadeiramente material, e continuo a sonhar com ele assim, uma espécie de vento que faz estourar as portas e as janelas... Meu sonho é que ele fosse um explosivo eficaz como uma bomba, e bonito como fogos de artifício”⁷⁰, concluiu. Certos livros sob movimento podem ser uma bomba, mas podem também nos levar a uma



Roberto Freire: um pirata anarquista

dança, corpo-a-corpo, com a vida. Como disse o poeta René Char, alguns livros se introduzem “suavemente em nossos dias, lançando um lamento, abrindo bailes”⁷¹. Certos livros podem ser a abertura para um começo.

Notas

¹ Este artigo é resultado da dissertação de mestrado *Roberto Freire: Teseão & Anarquia*, financiada pela FAPESP e apresentada, em junho de 2011, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

² Enrique Vila Matas. *Doutor Pasavento*. Tradução de Jose Geraldo Couto. São Paulo, Cosac e Naify, 2009, p. 111.

³ No desfecho da pesquisa sobre este jornal libertário, imprescindível na articulação de variados coletivos anarquistas durante a ditadura civil-militar, afastei-me das conclusões de alguns pesquisadores que o identificaram como marco inaugural de um anarquismo “moderno” no Brasil. Por meio da análise detalhada das edições do periódico, afirmei que a crítica ao Estado e à soberania, presente tanto nos textos que abordavam a questão sindical quanto naqueles que tratavam da liberação do sexo e das drogas, atacavam o Estado por suas falsidades, imoralidades ou repressões. Associei a inovação do jornal menos à introdução de temas polêmicos ou à inauguração de um novo anarquismo do que à experimentação de uma militância debochada e divertida próxima aquela sugerida por Michel Foucault: “não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável”. Michel Foucault. “Uma introdução à vida não fascista” in *Cadernos de Subjetividade*. Vol. 11. São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas do Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993, pp. 197-200.

⁴ O que constituiu um imenso prazer, isto é, debruçar-se sobre esta escrita, também se configurou em grande dificuldade, pois Freire não é citado em livros e pesquisas que sistematizam, organizam ou problematizam o anarquismo no Brasil durante a ditadura civil-militar, na chamada abertura política ou mesmo a partir da instituição da democracia no final dos anos 1980. Margareth Rago já havia alertado, em *Entre a história e a liberdade: Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo* para o fato de que a “historiografia contemporânea do próprio anarquismo tem sido, em geral, muito tradicional e



pouco criativa, voltada mais para a recuperação dos fatos e dos atores excluídos da história, mantendo contudo, os mesmos enquadramentos disciplinares”. *Margareth Rago. Entre a história e a liberdade: Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Unesp, 2001, p. 27.

⁵ Arquidiocese de São Paulo. *Brasil Nunca Mais*, Rio de Janeiro, Vozes, 1985, p. 100. Oriunda da Ação Católica Brasileira (ACB), grupo que incentivava um maior engajamento político dos católicos, a *Ação Popular* emerge da radicalização política da JUC, no início dos anos 1960. Tal radicalização provocou a tensão entre jovens militantes e setores mais conservadores da Igreja que priorizavam o caráter espiritual da evangelização.

⁶ Jorge Goia. *Conversações com um terapeuta anarquista – Roberto Freire e a Soma*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Rio de Janeiro, UERJ, 2001, p. 96.

⁷ Ver: S. Peirão; M. Rodrigues; R. Sundfeld. *TUCA: 20 anos*. São Paulo, IMESP, 1986, p. 24.

⁸ Roberto Freire. *Eu é um outro*. Salvador, Maianga, 2002, p. 171.

⁹ Sobre o termo “entregar”, utilizado por militantes que combatiam a ditadura civil militar, Freire relata em sua autobiografia *Eu é um outro* que “surgiam transformações na nomenclatura de certos fatos, neologismos que serviam melhor para definir os incidentes. O primeiro foi o verbo ‘cair’, para significar ter sido preso (...) ‘Entregar’ queria dizer delatar. Era terrível receber essas informações meio cifradas. A nossa maior luta era não se deixar cair e conseguir não entregar nada a ninguém”. Roberto Freire, 2002, op. cit., p. 212.

¹⁰ Idem.

¹¹ Roberto Freire. *Sem tesão não há Solução*. São Paulo, Trigramma, 1990, p.116.

¹² Depoimento de Roberto Freire em *Bigode*, vídeo dirigido por Edson Passetti e roteiro de Gustavo Simões, exibido em 2008, no CNU (Canal Universitário).

¹³ Ver: Roberto Freire, 2002, p. 232. Antes de assistir ao espetáculo diz que se informara sobre o trabalho do coletivo e teve “a grata notícia de saber tratar-se de um grupo anarquista radical que deixara os Estados Unidos por se negar a pagar imposto de renda enquanto o dinheiro público do país fosse aplicado na guerra do Vietnã” (Idem, p. 233). “*Paradise Now*” provocou em Freire um “delicioso e inesquecível impacto por sua beleza e estranha comunicação corporal, sensorial e sobretudo sensual” (Ibidem).



Roberto Freire: um pirata anarquista

¹⁴ Para Vera Schroeder “a crítica veemente de Reich aos fascismos, fossem eles negros ou vermelhos”, trouxe para Freire “uma leitura muito próxima ao momento político do Brasil na década de 1960”. Afirmção de Schroeder, disponível em <http://www.mnemosine.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/view/322> (acesso em 20/01/2012).

¹⁵ Esta afirmação leva em conta o período em que Roberto Freire escreveu o romance. No prólogo ele afirma: “Trabalhei onze anos para escrever este livro”. Freire iniciou *Coiote* em 1975, dois anos antes da emergência de *O Inimigo do Rei*.

¹⁶ *O Inimigo do Rei*, Maio de 1987, p. 7.

¹⁷ “Quando eu publiquei *viva eu viva tu viva o rabo do tatu* eles ficaram indignados... aí me chamaram e eu falei, então vou sair, não sou mais da AP. E eles perguntaram, ‘vai fazer o quê?’ (...) eu dizia ‘não sei (...) mas com vocês eu não continuo, vocês estão virando marxistas-leninistas, vocês estão precisando do autoritarismo’”. Freire *apud* Goia, 2001, op. cit., p. 97.

¹⁸ Em especial a capa de fevereiro de 1980, que propõe “Prática sexual ampla, geral e irrestrita”, esculhambando explicitamente a política de abertura proposta pelo governo Ernesto Geisel, ou o artigo intitulado “Sexualidade anistiada”, publicado na edição anterior, assinado por Antônio Carlos Pacheco, no qual ele realiza um levantamento histórico da repressão, articulando-a ao poder como algo negativo e exclusivo de uma classe, que reprime o sexo para “manter subjugadas as classes dominadas”.

¹⁹ Michel Foucault. “A ética do cuidado de si como prática de liberdade” in *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro & Inês Altran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Editora Forense, 2004a, p. 267.

²⁰ Primeiro ano de governo de um não-militar desde a posse de Castello Branco, em 1964, embora o novo Presidente da República, José Sarney, sucessor do General João Batista Figueiredo, tivesse tido intimidade com a política da ditadura como governador do Maranhão em 1966, e senador da República pela Arena, em 1970 e 1978.

²¹ Sobre o Macunaíma, Freire escreve em seu último livro: “Fundamental foi o encontro e a convivência da minha pessoa e da Soma, recém-nascida, com os criadores e frequentadores do Centro de Estudos Macunaíma, em São Paulo”. Roberto Freire. *Tesão pela vida*. São Paulo, Francis, 2006, p.17.

²² Ver: *bigode*, direção de Edson Passetti. Nu-Sol, 2009.



²³ Roberto Freire. *Coioite*. São Paulo, Sol & Chuva, 1986, p. 152.

²⁴ Para Foucault, a criação da chamada “doença mental” corrobora com a divisão, inexistente antes do século XVIII, entre loucura e razão. “A constituição da loucura como doença mental, no final do século XVIII, estabelece a constatação de um diálogo rompido, dá a separação como já adquirida, e enterra no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais se fazia a troca entre a loucura e a razão”. Michel Foucault. “Prefácio (*Folie et déraison*)” in *Ditos & Escritos I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Forense, 2006, p. 153.

²⁵ Gary Snyder. *Re-habitar: ensaios e poemas*. Tradução de Luci Collin. São Paulo, Azougue, p. 215.

²⁶ Idem, p. 204.

²⁷ Jack Kerouac. *Vagabundos iluminados*. Tradução de Ana Ban. Por Alegre, L&PM, 2007, p. 102.

²⁸ Roberto Freire, 1986, op. cit., p. 394.

²⁹ Idem, p. 205.

³⁰ Ibidem, p. 206.

³¹ Freire argumenta em *Sem tesão não há solução* que “nas ruas e nas conversas de todos nós, tesão já não era mais apenas isso que o Aurélio registrou. Mas não se pode esquecer que dicionário e enciclopédia são o cúmulo da reserva cultural e histórica de um povo, ou seja, o oposto da dinâmica permanente de sua espontaneidade”. Roberto Freire, 1990, op. cit., p. XX.

³² Diante da proposta de redução de tecnologias, da reivindicação de uma existência servida somente com um “mínimo necessário” ou do ideário comunitário que emerge nos Estados Unidos e se dissemina pelo planeta cabe investir também, como fizeram certos libertários seguindo as análises de Proudhon em *A filosofia da miséria*, no que há de mais avançado tecnologicamente na sociedade. Num escrito da primeira metade do século XX, Souza Passos, garçom anarquista, escreveu. “O que os anarquistas querem é fazer com que as classes que não têm nada subam até o nível daquelas que têm tudo. Não desejam estabelecer uma sociedade onde todos sejam miseráveis (...) os anarquistas não condenam a existência do automóvel, do rádio, do avião, de todas as coisas belas e úteis. Condenam o privilégio que têm alguns de possuir e usar essas coisas todas (...). Condenam, principalmente, o fato



Roberto Freire: um pirata anarquista

de que, para usarem essas coisas, alguns explorem o trabalho dos outros, que construam seus prazeres, e até mesmo seus vícios, com a miséria dos seres a quem exploram o trabalho, os sentimentos, a honra e a dignidade”. Passos *apud* Edgar Leuenroth. *Roteiro de uma libertação social*. Rio de Janeiro/São Paulo, Achiamé/CCS, 2007, p. 35.

³³ D.H. Lawrence. *O livro luminoso da vida*. Tradução de Mário Alves Coutinho. Belo Horizonte, Crisálida, 2010, p. 97.

³⁴ Octavio Paz. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução de Waldir Dupant. São Paulo, Siciliano, 1993, p. 26.

³⁵ Depoimento de João da Mata. Na primeira metade da década de 1990, o coletivo inaugura uma sede na rua Candido Espinheira, próxima a PUC-SP, em Perdizes, chamado “Tesão - Casa da Soma”. No espaço, produziram autogestionariamente encontros regulares de Pedagogia Libertária, oficinas e treinos de *capoeira angola*, além de darem continuidade à edição do jornal “Tesão: prazer & anarquia”. Porém, desde que Freire se afastara do contato direto com os grupos de terapia e a dissolução da “Casa da Soma”, no início dos anos 2000, os encontros entre os integrantes do coletivo tornaram-se cada vez mais raros. Com a mudança de Jorge Goia para Londres, (cidade onde realizou sua tese de doutorado e na qual vive até hoje) e com a partida de João Da Mata para Lisboa, visando pesquisa de mestrado, o Brancalone foi reduzindo suas atividades coletivas até a morte de Roberto Freire, em maio de 2008.

³⁶ *Os cúmplices* desvela a reaproximação, no início dos anos 1990, entre Freire e seus amigos da época da *Revista Realidade e Bondinho*. Sob efeito dessa reaproximação irrompeu a revista *Caros Amigos*. Todavia, rompeu com os editores depois de ver publicada uma matéria sobre as eleições de 1998, a qual favorecia o Partido dos Trabalhadores. Em conversa com Jorge Goia, Freire recorda os momentos de jornalista na *Realidade e Bondinho*, década de 1960 e início dos anos 1970, no qual experimentou com seus companheiros de redação, segundo ele, uma “solidariedade que era típica dos anarquistas”. Ao se deparar com grande parte destes amigos militando em partidos e trabalhando diretamente em campanhas eleitorais, concluiu: “isto é algo que está ligado a toda frustração da minha vida e que ao mesmo tempo é toda a glória da minha vida... é que eu não me corrompi”. Freire *apud* Jorge Goia, 2001, op. cit., p. 105.

³⁷ “No seu aspecto mais inovador, o trabalho do grupo Tuca em ‘O & A’ aproximou-se do que vinha sendo realizado pelo grupo ‘Oficina’”. A peça “devia ser algo sobre a vida que os jovens brasileiros levavam, com sua abertura e amor à liberdade, contra o fechamento, a aceitação e a prática do



autoritarismo de outros. Simbolicamente, usaria-se o som da letra *a*, contra o som da letra *o*, para expressar esse conflito”. Como não havia texto, a montagem do TUCA não sofreu intervenção da Censura Federal, porém nos dias em que ocorria a apresentação, agentes do DEOPS prendiam alguns atores só liberando-os depois da meia-noite e impediam, desta maneira, a realização do espetáculo.

³⁸ O Comando de Caça aos Comunistas fazia parte de “uma repressão que não é a oficial, como a censura” mas, segundo ele, “é gerada por alguns segmentos da sociedade contrários às manifestações dos jovens daquele período.” Ver: Silnei Siqueira. “Entrevista” in *Censura, Repressão e Resistência no Teatro Brasileiro*. Cristina Costa (org). São Paulo, Annablume/FAPESP, 2008, p. 75.

³⁹ É de se notar a semelhança entre Flores, sobrenome do delegado no romance e Fleury, reconhecido torturador do DEOPS paulista durante a ditadura civil militar.

⁴⁰ Cecília Coimbra. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do Milagre*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1995, p. 22. Não é por acaso, prossegue Coimbra, que “esta época em que mais se tortura, mais se perseguem os opositores, mais se sequestra, mais se assassina, é também a época do ‘milagre brasileiro’, quando se vende a imagem da ‘ilha de tranquilidade’, de ‘progresso’, de ‘bem-estar’, de ‘euforia’, tanto interna como externamente”.

⁴¹ Roberto Freire. *Os cúmplices*. São Paulo, Sol & Chuva, 1996, p. 271.

⁴² Arquidiocese de São Paulo, 1985, op. cit, p. 34.

⁴³ Roberto Bolaño. *As putas assassinas*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 206. Assim como Freire, Bolaño viveu na pele a realidade cruel da América do Sul na década de 1970. Foi preso, no Chile, após o golpe militar em 1973, mas conseguiu escapar para o México, onde viveu nos anos seguintes. A proximidade entre a literatura de ambos não se dá pelo estilo da escrita, mas sim pela perspectiva de resistência vital que assumem diante da história recente do continente.

⁴⁴ Ver: “tortura”, verbete abolicionista penal libertário escrito pelo Nu-Sol, disponível em: <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=20> (acesso em 20/01/2012).

⁴⁵ Depoimento de Vera Schroeder, 12/11/2010.



Roberto Freire: um pirata anarquista

⁴⁶ José Maria Carvalho Ferreira. “Roberto Freire: uma história de amor e anarquia” in *Utopia*. Lisboa, Associação Cultural A vida, 2008, pp. 35-36.

⁴⁷ Depoimento de Salete Oliveira: 19/03/2011.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Nesse momento reitera seu desconforto com a velhice, incomodo explicitado desde a metade da década anterior. “A vida de um velho não é nada agradável. Não é uma coisa boa. A gente ultrapassa o limite da saúde, da juventude, muito além do que devia ultrapassar. (...) O que faz de bom um velho? Qual é a sua produção? Ficam os afetos. Afetos de dependência. Eu não gosto. Eu gosto das pessoas, de amar as pessoas, mas quando passo a depender delas eu me sinto mal”. Ver vídeo *Bigode*.

⁵⁰ Ver a afirmação de Schroeder em <http://www.mnemosine.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/view/322> (acesso em: 10/01/2012). No mesmo ano de lançamento do CD “Vida de Artista”, assiste o ingresso da Soma na Universidade com o “Curso de Introdução à Somaterapia”, realizada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

⁵¹ Ver o programa gravado com Roberto Freire na série *Os Insurgentes*, produzida pelo Nu-Sol em parceria com a TV PUC, em 2008.

⁵² Roger Pol Droit. *Michel Foucault: entrevistas*. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda. G. Carneiro. Rio de Janeiro, Graal, 2006, p. 96.

⁵³ Ernesto Gonzáles Bermejo. *Conversas com Cortázar*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002, p. 108.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Octavio Paz. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1996, p. 264.

⁵⁶ Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valeria Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2010, p. 288.

⁵⁷ Michel Foucault, 2006, op. cit., p. 411.

⁵⁸ No final do século XX, Hakim Bey escreve desconfiar da palavra revolução, “ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada ‘paraíso’ governado por um anjo ainda mais cruel” e sugere aos libertários a experimentação de *levantes*. De maneira similar a Paz, a proposta de Bey visa liberar a política das leis da História, pois, segundo ele, “a História diz



que uma Revolução conquista a 'permanência', ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é 'temporário'. Nesse sentido um levante é uma experiência de pico". Ver: Hakim Bey. *TAZ*. Tradução de Renato Rezende e Patricia Decia. São Paulo, Conrad, 2001, p. 16.

⁵⁹ Edson Passetti. "Heterotopias anarquistas" in *verve*, São Paulo, Nu-Sol, n. 2, 2002, p. 163.

⁶⁰ Como utopias efetivas implementadas pelos libertários em contraposição a espera consoladora das utopias Passetti cita a escola moderna inventada por Francisco Ferrer Y Guardia no final do século XIX, que "não era dirigida pela disciplina visando obediência, distribuindo as crianças segundo idade e sexo, fomentando credos e conhecimentos dirigidos para governar ou ser governado (...) Era a dessacralização do espaço da educação pois não se limitava a instrução" (Idem, p. 168) e o grupo anarquista de teatro *Living Theatre*.

⁶¹ Edson Passetti. "Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle" in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 4, 2003, p. 40.

⁶² Michel Foucault. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2004b, p. 301.

⁶³ Idem, p. 303.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ Roberto Freire. *Eu é um outro*. Salvador, Maianga, 2002.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Ver: Michel Foucault, 2004b, op. cit., p. 305.

⁶⁸ Roberto Freire, 2002, op. cit., p. 306.

⁶⁹ Michel Foucault. "Uma entrevista com Michel Foucault". Tradução de Wanderson Flores do Nascimento in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 05, 2004, pp.240-259.

⁷⁰ Ver: Roger Pol Droit, 2006, op. cit, p.95.

⁷¹ René Char. "Amizade Libertária" in *verve*. Tradução de Marta Gambini. São Paulo, Nu-Sol, n. 17, 2010, p. 31.



Roberto Freire: um pirata anarquista

Resumo

O artigo expõe a articulação entre a existência e a emergência da literatura de Roberto Freire pela leitura de seus principais romances. Sem dissociar obra e vida, o artigo explicita como a partir da década de 1970, depois de romper com certa militância organizada e descobrir o grupo de teatro anarquista Living Theatre, Freire constrói pouco a pouco a singularidade de sua noção de Tesão e do que denominou como anarquismo somático.

Palavras-chave: anarquismo somático, literatura libertária, resistências

Abstract

The article is about the relationship between Roberto Freire's existence and literature analyzed through his novels. By not dissociating work and life, the article exposes Freire's itineraries during the 1970's which included the rupture with organized political militancy, the encounter with the anarchist theater group Living Theatre and the development of the unique notion of Tesão related with his somatic anarchism.

Keywords: somatic anarchy, libertarian literature, resistances

Recebido para publicação em 10 de fevereiro de 2012. Confirmado para publicação em 17 de março de 2012.

